

MIGUEL SANCHES NETO

A Bíblia do Che

Copyright © 2016 by Miguel Sanches Neto

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Christiano Menezes

Foto de capa

Retina 78

Preparação

Livia Deorsola

Revisão

Luciane Gomide Varela

Isabel Jorge Cury

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sanches Neto, Miguel

A Bíblia do Che / Miguel Sanches Neto — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2728-3

1. Ficção brasileira I. Título.

16-03151

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

1.

Por dez anos, vivi sem me afastar mais do que mil metros de meu prédio, algo que só foi possível porque não fiquei doente nesse período. Não há hospitais perto de onde moro. Por isso faço de tudo para me manter saudável. Sei, aos cinquenta anos ninguém é inteiramente saudável. O importante, no entanto, é como me sinto. E me sinto muitíssimo bem. (Não suportaríamos a existência se não fossem essas pequenas trapaças contra nós mesmos.)

Tinha ido almoçar a exatos cinquenta e oito passos de minha portaria. Nas imediações proliferam restaurantes por quilo e aprendi a sobreviver me alimentando da comida desleixada desses lugares. Chego no momento em que estão montando o bufê. Muitas vezes sou o desbravador, o que me deixa exposto apenas à sujeira dos cozinheiros, me livrando da saliva, dos cabelos e de outras imundices que os clientes espalham ao se servirem.

A ciência do bom frequentador desses restaurantes não se reduz ao horário de chegada. Você precisa saber montar o prato. Nunca escolho molhos nem frituras. Evito salada de folhas, que

podem estar contaminadas ou mal lavadas, dando preferência a legumes, carnes cozidas ou grelhadas. Recuso macarrão e arroz branco. E apenas mensalmente arrisco um pouco de feijoada, mais pela couve e pelo caldo de feijão do que pelas carnes gordurosas.

Nesta minha vida saudável, resolvo tudo a pé. Nem sequer uso o elevador para chegar à sala comercial onde moro, no décimo quarto andar do velho edifício Asa, na rua Voluntários da Pátria, Centro de Curitiba. Desço e subo os vários lances com disposição, consciente de que estou mantendo a forma e evitando conviver com as pessoas na arapuca — é assim que o ascensorista se refere ao elevador. Todo curitibano odeia a intimidade forçada do elevador. Quase sempre faço a escalada sozinho, e rapidamente.

Hoje, notei que alguém me acompanhava. Então diminuí o ritmo, para que a pessoa me ultrapassasse. E ela manteve sempre uma distância que a ocultava nos caracóis intermináveis da escadaria.

Morar no Centro, em um prédio comercial, tem seus perigos. Poderia ser algum assaltante, embora eu não seja o tipo que chame a atenção de bandidos. Só uso camisetas básicas, sempre brancas. Calças desbotadas e tênis de corrida, surrados. Nenhum adereço, nem relógio. Não tenho celular. Mas em minha carteira mantenho uma ou outra nota que pode render uma pedra de crack.

Então acelero a subida. A pessoa às minhas costas também acelera. Eu poderia voltar e surpreendê-la. Mas estou desarmado.

— Merda — ouço uma voz fina atrás de mim.

Se fosse assaltante, não se revelaria assim.

Com menos cuidado, termino de escalar o interior do prédio, entro na sala, tranco a porta e me sento na cama para tirar os tênis.

Moro em um antigo consultório odontológico.

— Vamos tirar a placa — falou o senhor da imobiliária quando aluguei o imóvel.

— Pode deixar, eu mesmo tiro — me comprometi.

E nunca fiz isso. Serve para me proteger. O porteiro e os ascensoristas sabem que uso a sala como apartamento, o que é proibido. Como deixo todo mês uma gorjeta para eles, vou passando sem problemas.

O inconveniente é que de vez em quando alguém aparece em busca do dentista.

— Faz anos que não atende mais aqui — informo, mal-humorado.

Que tipo de gente é essa que vai ao dentista de dez em dez anos?

Fiz meu quarto na área de espera. Na do dentista, o escritório. À noite, o prédio se esvazia e é mais silencioso perto do corredor. Durante o dia, tanto o interior do edifício quanto o resto da cidade são barulhentos. Isso me obriga a ler com o rádio ligado em uma estação de músicas clássicas, e essas melodias acabam entrecortadas por buzinas, sons de motor, gritos e freadas. Já tentei usar abafador de som nas orelhas, mas os barulhos de meu corpo se tornavam tão assustadores que achei melhor a bagunça da rua lá embaixo. Aos cinquenta, não queremos ouvir nosso corpo.

Ouvi batidas tímidas na porta.

Nessas horas, não adianta fingir que não há ninguém. O silêncio, não sei bem como, nos denuncia. Esperei que batessem de novo. Demorou. A pessoa não queria incomodar.

Levantei-me e abri a porta de uma vez, dando a volta na chave e puxando a maçaneta, para descobrir uma jovem muito bem vestida, intensamente maquiada e cheirosa. Estava com as

sandálias na mão. Sem falar nada, ergueu os calçados para eu ver melhor.

— Não sou sapateiro — e indiquei o nome do dentista na porta: Dr. Ubirajara Cohen.

Ela riu, olhando para meus pés. Eu também estava descalço. Virei os olhos para a cama e achei estranho encontrar os tênis no chão, um sobre o outro, como dois cachorros engatados. Fiquei com vontade de jogar pedras neles. Era assim que, em minha infância, os meninos faziam com os cachorros unidos.

— Você não está me reconhecendo? — sua voz era meiga.

— Não — e fechei lentamente a porta, evitando girar a chave.

Fosse quem fosse, seria mais um equívoco. Depois de um tempo afastado, você mudou tanto que praticamente já deixou de ser quem era. Faz dez anos que não reencontro ninguém.

Ela bateu de novo, de forma ainda mais educada. Se tivesse golpeado com as sandálias ou dado murros, eu a xingaria e a mandaria embora. Esperei um minuto e ela não se afastou. Então escancarei a porta, eu que tento proteger meu esconderijo dos curiosos.

— Posso me sentar um pouco? Subi todas estas escadas atrás de você. E por azar ainda quebrei o salto da sandália.

— Está me tomando por outra pessoa.

— Você é que está querendo se passar por quem não é. Quando vi você entrando nesta sala, pensei que estivesse indo ao dentista, por isso esperei um pouco. Mas você mora aqui!

— É permitido.

— E permitem também que receba uma mulher?

Saí da porta, desobstruindo-a, e ela entrou. Sentou-se em meu colchão cansado, na frente de meus tênis, que continuavam copulando, indiferentes à visita. Fui até eles e os empurrei com o pé para debaixo da cama.

Ela inspecionava o salto.

— Quer uma água? — perguntei, olhando para o frigobar na parede em frente. Sobre ele, vários livros novos.

— Se tiver uns chinelos de dedo... — falou.

Olhei para seus pés leitosos.

— Não está mesmo me reconhecendo?

A Deusa Branca. E tudo se clareou em minha memória. Em vez de dizer alguma coisa, fui ao outro cômodo buscar o que ela solicitara.

2.

Entreguei a ela os chinelos gastos. Eu os usava apenas para meus banhos de sauna em um dos hotéis de minha jurisdição. Duas vezes por semana — quartas e sábados. Ela iria embora com os calçados por onde haviam escorrido a espuma de meus banhos e meus suores. Eu teria que comprar outros, e isso me irritou. Não pelo dinheiro; pelo transtorno de ir às Lojas Americanas escolher um par novo. Comprar é a coisa mais obscena que uma pessoa pode fazer. Sempre me deprimio quando sou obrigado a isso.

— Você não vai dizer nada? — Lírian me provocou enquanto enfiava os pés extremamente brancos na borracha encardida daqueles calçados ordinários, em contraste com as roupas que usava.

Não a reconheci com tanta maquiagem. Quando tivemos um caso, uma década antes, era quase uma menina. Pobre, malvestida, com hábitos da cidadezinha do interior onde nasceu e fora criada, antes de vir cursar a faculdade de letras. Agora,

na minha frente, encontro uma mulher de trinta anos, bela e requintada.

— O que você tem feito da vida? — ela quis saber.

— Nada, a vida não precisa ser feita.

Ela riu. E esse sorriso era o mesmo de antes.

— Estava com saudades do Professor Pessoa.

Havia muito tempo que eu não me via, nem era visto, como professor. Tentei apagar esse período de minha memória. E aí uma ex-aluna aparece, me persegue e se apropria de meus chinelos como se tivesse algum direito sobre mim.

— O professor morreu — falei.

Ela se levantou e me beijou. Um beijo calmo, casto e intensamente frio. Senti as rugas de seus lábios contraídos.

— Podemos ressuscitar o velho professor.

— Impossível.

— Não deixei de pensar em você nem um dia depois que nos afastamos.

Sem comentar nada, fui ao frigobar e peguei duas garrafinhas de cerveja. Abri e passei uma para Lírian, que havia se levantado. Em poucos goles, bebi a minha. Ela apenas provou a dela, pousando-a em seguida sobre a mesinha ao lado da cama.

— Sabia que a qualquer momento encontraria você. Voltei a Curitiba para isso. Podia ter procurado as pessoas do passado, ido à casa de sua mãe...

— Minha mãe morreu.

— ... mas não queria assim, queria um encontro casual.

— Não me lembro de ter lecionado poesia romântica.

— O professor retornou — ela riu.

— Minha mãe morreu, vendi a casa e moro sozinho. Sozinho mesmo. Completamente separado da manada. Você entende? — e olhei para a sala como o proprietário avalia a extensão de suas terras.

— Hoje, vim visitar uma cliente, estava passando de carro pela Voluntários da Pátria e vi você, tão diferente e tão reconhecível. Estacionei em uma vaga proibida para não deixar você fugir.

— Numa vaga proibida?

— A esta hora já fui multada e o guarda deve estar chamando o guincho.

— Ainda há tempo para evitar o pior.

— A memória sempre estaciona em vagas proibidas, né?

— Como nesta aqui — falei, me referindo à minha sala.

— Não tinha certeza se era você, embora fosse forte a intuição de que, sim, era. Segui pelas escadas sem nem olhar para o porteiro. A mocinha encantada pelo monstro.

— Daí quebrou o salto.

— E não parei.

— Agora vai voltar com esses chinelos velhos.

— Os calçados velhos são mais confortáveis.

Uma sirene soava desesperadamente na rua. Ambulância tentando salvar uma vida. Ficamos ouvindo esse grito.

— Por que se isolou?

— Não tenho mais tempo, entende?

Ela olhou minha careca. Raspo a cabeça ao tomar banho. De tanto fazer isso, acaba-se adquirindo agilidade. E a gente se acostuma a não ter cabelo para pentear. Magro, cabeçudo, desarumado e com uma careca agressiva.

— Não estou fazendo tratamento para câncer — informei.

— Ah, bom.

— Tenho cinquenta anos. Não resta tempo. Simplifiquei tudo para aproveitar os últimos capítulos.

— Mas tem alguém, não tem?

— Ninguém.

— Uma grande decepção?

- Apenas o acúmulo das pequenas.
- Pode fazer a pergunta que você está ensaiando.
- Não estou ensaiando nada.
- Sim, estou casada.

Olhei a mão dela e não havia nenhuma aliança em meio aos anéis.

— Não do jeito tradicional. Vivo com um companheiro. Engenheiro de computação. Pessoa muito querida. Você vai gostar.

- Quem disse que quero conhecer?
- Sim, tenho um filho.

Filho é um assunto interdito para mim. É impossível não fazer parte dessa farsa tendo um filho. Escola. Reunião de pais. Festa de criança. Praia. Clube. Shoppings. Não, muito obrigado. Não deixar descendência é a única atitude verdadeiramente ecológica. Explodir a ponte.

Lírian devia estar pensando no filho dela. Ficou quieta por alguns segundos, ancorando o olhar na parede suja da sala. Não forcei nada. Estávamos ali, imobilizados por causa de uma palavra.

- Você não vai perguntar a idade dele?
- Não.
- Poderia ser seu.
- Não é.

Abaixou para pegar as sandálias e a bolsa, que havia deixado na cama. E se encaminhou para a porta, tão próxima e ao mesmo tempo distante. Esperou que alguém a abraße, enquanto eu continuava parado.

- Você se enterrou vivo. Parece um zumbi.
- Anda vendo muito filme ruim.
- Você é que vive dentro de um filme ruim. Fique em paz — ela disse, abrindo a porta e saindo. Depois completou, enfatizando o possessivo:

— *Meu* filho está com cinco anos, mesmo assim dei a ele o seu nome, Carlos Eduardo. Vejo agora que foi homenagem a um homem morto. Tal como se faz ao batizar uma rua em memória de alguém falecido.

Fechou a porta, seguindo para o elevador, que nesse horário demoraria para chegar. Não a acompanhei. Sentado na cama, tomei o resto da cerveja da garrafa. Por que as pessoas acham que podem invadir a vida alheia? Batem na sua porta, jogam-se na sua cama, falam de outros tempos, insinuando isto e aquilo. A internet criou uma familiaridade com a invasão. Todo mundo porta adentro. Por essas e outras eu tinha abandonado o lado de lá.

Queria que o carro de Lírian tivesse sido guinchado. Seria uma vingança. O caminhão parado na frente, abaixando a rampa, depois o automóvel sendo arrastado por cabos para a carroceria. O guincho estaria tirando Lírian de minha vida, ensinando a ela que não se pode parar em vagas proibidas.

Fui até a janela. Ainda estaria na rua, o carro? Estava. Era um modelo grande, todo pintado de rosa. Lírian vendia cosméticos para uma marca internacional. Já vira alguns desses automóveis personalizados circulando pelo Centro. Esperei ali e a reconheci abrindo a porta do carro e colocando-o em movimento. Não pude saber se havia ou não um aviso de multa no para-brisa. Ela pelo menos não tirou nada de lá.

Liguei o computador na mesa ao lado e abri um site pornô. Sentindo alguma coisa gordurosa nos lábios, limpei-os nas costas da mão, sujando-as de batom.

3.

Desde que me afastei da vida fútil e tributável de que fala Fernando Pessoa, tenho evitado mulheres.

No começo, pensei que poderia ficar longamente sem sexo e que só uma vez ou outra o contrataria nas boates perto de casa. Aguardei por três meses sem pensar nisso. Como me encontrava nos princípios da vida na selva, tinha muita coisa para fazer enquanto instaurava novos hábitos. Sempre fui meio misantropo, mas de uma misantropia relativa. Buscava o convívio com mulheres, quanto mais jovens melhor. Nesta outra etapa, tinha que renunciar aos corpos femininos, obstáculo para a liberdade verdadeira que eu buscava.

Quando achei que minha renúncia chegara a uma marca considerável — noventa dias —, dei-me de presente visitar uma casa de shows. Não queria valorizar muito essa abstinência. Com o tempo, o sexo vai deixando de ser importante. Era no que eu acreditava. Assim que entrei no Lidô, procurando uma mesa distante do palco onde uma garota dançava nua, alguém se aproximou de mim e pediu que eu lhe pagasse uma bebida. Mal

concordei, o garçom saiu da sombra para nos servir. Sentou-se ao meu lado uma moça magra, sinais de pobreza no rosto, peitos pequenos. Ainda nos primeiros goles de um uisquinho falso, que me custaria caro e me daria dor de cabeça na manhã seguinte, ela passou a mão em meu pau.

Foram necessários poucos movimentos sobre a calça para que eu me saciasse.

— Nossa, amor, estava seco? — ela disse, aliviada por se livrar de um cliente.

— Estava — concordei.

— Mas logo faço tudo funcionar novamente.

— Não precisa.

Levantando sem terminar a minha bebida, deixei uma nota para ela na mesa e saí à procura do caixa.

— Não quer lá na cabine?

Nem respondi. Sentindo uma umidade incômoda na calça, tudo que eu desejava era me limpar e trocar de roupa. Paguei a conta e, alguns minutos depois de ter saído de minha cabana, retornava vencido. Lavei a cueca e a parte atingida da calça na pia, coloquei o pijama e me deitei. Não conseguiria ficar sem me aliviar regularmente. Mesmo na velhice, não sublimaria a ânsia de me verter em sêmen.

Foi quando me vicei em sites pornôs. Mais baratos e muito mais seguros. Todas as vezes que sentisse vontade, não tentaria me controlar, me saciando imediatamente. Houve dia de abrir quatro vezes esses sites. E na manhã seguinte começava tudo de novo. Poço que, por mais que dele tiremos água, nunca se esgota. E se não tirarmos ela transborda sozinha.

Agora controlo esses entusiasmos virtuais. Tento espaçar uma sessão da outra, evitando prestar atenção em mulheres na rua. Meu ideal de celibato não se realizou, mas ao menos não saio porta afora em busca de aventuras.

Assim que Lírian partiu, procurei num desses sites uma moça qualquer que fosse muito, mas muito branca. Não demorei para achar, projetando nela o rosto de Lírian. Tudo durou pouco. Ouvei então uma voz na memória.

— Nossa, amor, estava seco?

Ao lado do computador, há rolos de papel higiênico. No final, levo o chumaço úmido para o lixo do banheiro e lavo minuciosamente as mãos, limpando bem as unhas. É destas mãos que tenho tirado quase todo o prazer que o mundo ficou me devendo nestes últimos anos.

Assim que fiz a coisa, deitei em minha cama para descansar um pouco e senti o cheiro doce do perfume de Lírian.

Eu poderia ter tido o corpo dela por uma hora ou mais. Seu carro aí sim seria guinchado. E precisaríamos arranjar algum advogado para tirá-lo do pátio da polícia. Nesse tempo, ela falaria do marido, pediria que eu inventasse uma mentira, alegando que sempre tive imaginação, e os dez anos de sossego afetivo acabariam.

Levantei de um salto para trocar a roupa de cama. Quase nunca fazia isso. Mas agora era urgente. Os lençóis usados foram para o cesto de roupa suja, que eu em breve levaria para lavar. Depois, deitei e dormi o resto da tarde.